



GUERRA, PODER, FEITIÇARIA



Desde que existe a espécie humana que a guerra está associada a cerimónias de feitiçaria ou de outros rituais mágico-religiosos glorificando a guerra contra os inimigos. Na Europa da modernidade, o autor inglês William Shakespeare (1564-1616) escreveria uma peça para teatro intitulada «Macbeth» (1603-7) em que a feitiçaria e a guerra e o poder político andavam de mãos-dadas. Nesta coluna é reproduzido um texto do tema, retirado da 2ª edição de 2002 da minha obra *Moçambique, Feitiços, Cobras e Lagartos*, pp. 59/63. A 1ª e 2ª edições estão esgotadas em 2013.

| MODJÁDJI, A RAINHA DA CHUVA (na foto de 2006).

Em 27 de Janeiro de 1998, na televisão estatal moçambicana, TVM, um arqueólogo sul-africano falava da rainha-feiticeira Modjádji, a «soberana da chuva». A peça é apresentada pela televisão sul-africana numa reportagem baseada nos relatos do arqueólogo, em que são omitidos relatos segundo os quais uma das Modjádji (foram várias) tenha nascido ou vivido na Namaacha nos montes Libombos, «Hill of Medicin» ou Monte do Feitiço. Esses dados fazem parte das lendas da Namaacha.

A polémica sobre uma das Modjádji ter nascido ou não na Namaacha ou, pelo menos, por lá ter passado, não invalida o facto desta feiticeira dos fins do século XIX ter sido muito conhecida e temida nessa região da cordilheira dos montes Libombos. (...) A lenda conta no entanto que Modjádji seria pressionada pelos bóeres, abandonando o local da Namaacha e, passando pela Suazilândia, ter-se-ia refugiado entre as cadeias dos montes Libombos e de Zoutpansberg (norte do Transval) depois de 1896, passando provavelmente por Umbuzini, território «moçambicano» do passado.

Sobre alguns aspectos históricos da região do Norte do Transval de meados do século XIX, aconselhamos a consulta de documentação sobre a colónia portuguesa de São Luiz de João Albasine - Joá-uá -, em Maca-xule (Makahlule) no Transval, parte integrante do «distrito de Lourenço Marques» até ao tratado de 29 de Julho de 1869 com a República da África Meridional (bóer), em Pretória. Recomendamos também o livro *Itinerário de uma Viagem à Caça dos Elefantes* de Diocleciano das Neves, natural da Figueira da Foz, em Portugal.

Umbuzini foi santuário dos fugitivos de Moçambique durante as guerras contra os portugueses. Não nos esqueçamos de que a primeira-dama (incôsse-kázi), de Gungunhana, de nome Sônia, e os descendentes directos do mesmo, filhos, netos (e hoje bisnetos, etc.) se refugiaram em Umbuzini e «Gazanculo», região do Joá-uá. Também foram atraídos pelo triângulo de Umbuzini. Alguns descendentes de Maguiguana maCossine fugiram para Umbuzini depois de 1897.

Umbuzini é pois uma referência histórica para Moçambique desde há 120 anos, pelo menos, como refúgio «sagrado». Esta região encontra-se não muito longe das fronteiras conjuntas da Suazilândia, África do Sul e Moçambique. A zo-na da Namaacha, cordilheira dos Libom-

bos, era uma região muito movimentada há 150 anos e disputada por portugueses, os primeiros europeus a lá chegar, bóeres, ingleses, bandidos europeus, masuázis ou ingunis, para tormento dos marrongas, habitantes dos Libombos.

A TVM, televisão estatal moçambicana, transmitiu a reportagem e muito bem; só lamentamos que a mesma não tenha ido mais longe com um comentário, talvez por desconhecimento da ligação da Namaacha (!) com a feiticeira Modjádji, a «rainha da chuva». O facto de no século XVI, ou antes, os antepassados desta rainha-feiticeira dos Libombos e sua gente terem migrado do Zimbabué e da origem ma-Calanga ou ma-Caranga, neste caso é irrelevante, pois os moçambicanos va-Lengue (chopes) também são de origem ma-Caranga e baLuba do Congo- Kinshassa; só que essas origens remontam há mais de 900 anos.

A história da origem desta «soberana da chuva» - Modjádji - provém dos tempos passados da Namaacha e da Suazilândia anteriores à ocupação da cordilheira dos Libombos por portugueses, goeses, britânicos, franceses-huguenotes e bóeres.

O poder atribuído a esta rainha Modjádji era grande, sendo temida até pelo incôsse Maué-uè, um dos poderosos da região e filho de Manicôsse. Consta que uma das vezes enviou uma delegação com o pedido de intervenção dos «bons ofícios» de Modjádji perante os espíritos, para estes fazerem chover no seu reino devido à seca prolongada. Depois de várias tentativas, reza a história, o pedido foi satisfeito e bem pago por Maué-uè.

No século XIX um aventureiro europeu de nome Coillard, que viajou pelo interior africano, escreveu sobre o mistério da rainha-feiticeira Modjádji o seguinte:

«... Ela tem o seu santuário num desfiladeiro, onde se realizam estranhos ritos e sacrifícios aos quais preside. Com excepção de uns poucos anciãos privilegiados, ninguém se atreve a aproximar-se daquele lugar sagrado; mesmo se por acaso qualquer bovino tresmalhado se aproxima do local, seja quem for o seu dono, o animal torna-se imediatamente propriedade do feiticeiro que no momento se encontrar celebrando a cerimónia, sendo de pronto abatido no local. A nenhum estranho é permitido aproximar-se da aldeia onde reside a rainha, que só poderá ser vista à distân-

cia, encravada na encosta da montanha como um ninho de águia no limiar de uma floresta negra sinistra. Ela propriamente é invisível, o que leva certos chefes a duvidarem até da sua existência. Para outros, melhor informados, Modjádji não só existe, mas é imortal...»

Esta figura misteriosa de Modjádji inspirou até escritores de novelas como Sir Rider Haggard, que debalde tentou vê-la, sendo sempre impedido. Talvez por tal motivo idealizou-a nos seus livros como uma mulher «branca e bela», a que chamou «She», tipo Tarzan no feminino e possuidora do elixir da imortalidade e da juventude física. O historiador sul-africano T.V. Bulpin, no seu livro *Lost Trails of the Low Veld*, descreve a origem da lenda e o fim desta Modjádji. Bulpin diz que os primevos seguidores da rainha-feiticeira pertenciam à mesma raiz étnica dos Venda, da cadeia montanhosa de Zoutpansberg, não muito longe de Beit Bridge, na fronteira da África do Sul, Zimbabué e Moçambique. Este grupo faria parte dos Kalangas (ma-Caranga) de Zimbabué.

No século XVI uma princesa desse grupo étnico cometeu incesto com um dos irmãos. Esta princesa conseguiu fazer-se estimar pelos súbditos. Quando já não era possível esconder a gravidez e fugir à ira paterna, empreende a fuga e é seguida por um grupo numeroso de guerreiros e famílias, abandonando o grande Zimbabué rumo a Sul. Aí encontram uma região fértil e fixam-se na orla das florestas de Daja, a cerca de 35 km de Duivelskoof.

A princesa, de nome Dzugudine, isola-se do mundo exterior, protegida pelos guerreiros e pelas montanhas inacessíveis. O tempo vai passando e, por volta de 1800, a dinastia era governada por um rei louco de nome Mugôgo, descendente da princesa Dzugudine. Esse rei, ao sentir a velhice aproximar-se, mandou matar os filhos deixando somente uma filha, conseguindo convencê-la a ter relações sexuais com ele, por «ser desejo dos espíritos dos antepassados» e só graças ao incesto ela, a filha, seria rainha após a morte do pai, inaugurando uma dinastia só de mulheres no poder. Na hora do parto esta princesa isola-se numa palhota preparada no interior da floresta à espera da herdeira.

No entanto, ao nascer um rapaz, estrangula-o de imediato e continuaria por anos sucessivos a esperar até nascer uma filha. A esta filha-neta do rei-louco Mugôgo foi dado o nome de Modjádji, significando «Soberana do Dia». Antes de morrer, Mugôgo ensina à neta-filha o segredo de fazer chover e outros feitiços – segredos que provinham dos seus antepassados maCaranga de Zimbabué. Modjádji isola-se totalmente, originando lendas sobre sua habilidade em fazer chover. A sua reputação espalha-se por todo o la-

do e passa a ser adorada como «deusa da chuva», recebendo honrarias de toda a África do Sul. O ritual para fazer chover era um segredo que só Modjádji conhecia, mas um dos detalhes que se soube era o da pele ser arrancada ao cadáver da sua antecessora (mãe) pelos indunas (chefes) mais íntimos imediatamente após a morte desta última; era também necessário o sangue de uma criança sacrificada na altura e outros «ingredientes» desconhecidos. O segredo de Modjádji permaneceu por muitos anos oculto. Soube-se posteriormente que não existia uma, mas sim muitas Modjádjis, sendo a mãe sacrificada logo que os primeiros traços de velhice aparecessem, daí a origem da lenda da imortalidade de Modjádji. O reinado da Modjádji II teria tido início nos princípios do século XIX. Durante esse reinado apareceriam os primeiros brancos a invadir os seus domínios.

Um missionário cristão, o alemão Fritz Reuter, aparece no seu território na segunda metade do século XIX. É autorizado por Modjádji a instalar-se com a sua igreja cristã perto do seu santuário. No local, alguns europeus formam um pequeno núcleo cristão, orientados pelo missionário Fritz Reuter na evangelização dos súbditos da rainha Modjádji.

Todavia, Modjádji aguarda uma oportunidade para, perante os seus súbditos, «desmistificar» o missionário que falava de um Deus dos brancos, «fazendo-lhe concorrência espiritual». Em 1884 uma seca devasta a região, servindo de pretexto a Modjádji para culpar os «feitiços dos brancos», os quais foram mortos. Coincidência ou não, após o massacre dos cristãos a chuva «voltou», aumentando o prestígio de Modjádji.

Entretanto, os brancos iam invadindo o seu território. O general Joubert, com os seus comandos bóeres, ocupa militarmente, em 1896, toda a região dos Libombos, submetendo e desmistificando a última (?) das Modjádji. Apresenta-se a Joubert uma Modjádji toda envelhecida com quase cem anos, a pedir paz. Seguida por cerca de 12 mil súbditos e família, Modjádji, embrenha-se pela selva da Suazilândia ocidental para longe dos brancos.

Este dado é desmentido categoricamente pelo Dr. António Rita Ferreira, eminente historiador de Moçambique.

No entanto, a lenda continuará por décadas e décadas, reaparecendo o nome de uma outra Modjádji actualmente a viver na zona de Zoutpansberg, num interessante programa da televisão moçambicana sobre África no dia 27 de Janeiro de 1998. [Excertos da obra *Moçambique, Feitiços, Cobras e Lagartos* / 2001-2002, Maputo -Lisboa]



O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão
SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....

Individual () Institucional ()// 2013
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00